

O FALAR CRISTÃO E SUA VARIAÇÃO PARA DIFERENTES COMUNIDADES DE FIÉIS

Raquel Santos de Souza Brites (UEMS)

quelli.06@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

A comunicação religiosa tem alcançado graus elevados de discursos cristãos bem elaborados ao ponto de influenciar uma grande massa de fiéis em sua fé e costumes. Para a elaboração dos discursos, os líderes religiosos se apoderam do falar daquela comunidade para que se torne compreendido em seus sermões, seja com uso de palavras iminentes da língua, usando suas variações ou o uso de *jargões religiosos* já em uso pela comunidade de fala. Observa-se a adaptação que pastores, bispos ou reverendos fazem para se aproximar dos fiéis, empregando variedades inerentes ao discurso dos falantes locais. Com o passar do tempo essas adaptações passam a ser naturais tendendo, tanto para o falar mais simples (não padrão), quanto para a utilização de um falar mais elaborado (padrão). O presente trabalho pretende mostrar uma parte inicial da pesquisa de mestrado de uma das autoras, cujo objetivo principal é analisar os pressupostos dos fenômenos sociolinguísticos entre os interlocutores de comunidades cristãs nos sermões de pastores em diferentes localidades de grupo de fiéis, podendo ser ocasiões de casamentos, cultos fúnebres, acampamentos religiosos ou cultos dominicais.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Jargões Religiosos. Comunidade de Fala.

1. Introdução

Este artigo integra a pesquisa do mestrado em andamento, no qual a temática abrange o falar do líder religioso em diferentes momentos sociais e situacionais, o que faz com que o mesmo se apodere de jargões religiosos e da fala intrínseca da comunidade em que se insere, tal fenômeno pode ser observado quando há a necessidade de se aproximar da comunidade de fala, seja essa comunidade da elite ou de camadas menos abastadas da sociedade.

A temática surgiu quando, em minhas indagações, pude perceber a variação na fala do meu pai, pastor Cleber Lemes de Souza. Ele foi consagrado pastor aos 21 anos de idade em outubro de 1980, pela Primeira Igreja Batista em Campo Grande-MS, atuando na Igreja Batista em Camapuã-MS.

Desde então atuou sempre em igrejas do interior ou, como em Cuiabá, igrejas da periferia, possuindo o dom de renovação da igreja e sabendo se comunicar com destreza em diferentes situações. Se em casamentos se portava de forma romântica, em funerais sentia a dor dos seus semelhantes, fazendo com que suas palavras lhes confortassem seus corações, nos cultos dominicais apregoava aquilo que lhe foi incumbido, o anunciar o evangelho e, de forma e humilde, foi se adaptando à realidade de cada comunidade por onde passava.

2. *Sociolinguística Variacionista*

Os primeiros estudos linguísticos científicos foram creditados a Saussure, que tomou como seu objeto a língua: *langue*, segundo ele, homogênea e social; e *parole*: heterogênea e individual. Saussure acredita que a língua seja um acontecimento social, adquirida pelo um grupo, mas por outro lado, não apontaos fatores externos como sendo de grande importância. As ideias gerativistas ganham força na década de 60 com *Noam Chomsky* (gerativismo), partindo do pressuposto que a língua é um princípio universal de conhecimento mental, uma competência, assim desvinculada de fatores históricos e sociais. Os estudos em fonética e fonologia começaram nos anos 60, e tinha como ponto de partida a análise da língua, estudos estes realizados nos Estados Unidos, o qual relacionou essas diferenças ao meio social.

Na década de 70 é que os estudos avançam no sentido de considerar a língua como um fenômeno social. Contrariando Chomsky, Labov diz que não existe uma comunidade de fala que seja ideal, ou *falante-ouvinte ideal*, mas que essas comunidades são heterogêneas, pois os indivíduos que nela interagem não se expressam do mesmo modo e o modo como se expressam nas diferentes situações também são diferentes. Seu ponto fundamental é a análise linguística no meio social, as variações que surgem do contato entre comunidades e a heterogeneidade linguística nos diversos contextos sociais. COELHO *at al.* (2012) destaca:

É a partir desse contexto que se posiciona, desde a década de 1960, o linguista William Labov, questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas. (COELHO *et al.*, 2012, p. 20)

Labov propõe que se observe a variação por uma nova ótica. Este campo de estudo nominou-se como Sociolinguística Variacionista.

Há quem acredite que a variação leve a um caos linguístico quando se fala sobre variações,mas este pressuposto caiu por terra quando se observou que mesmo as falas de formas não padrões obedecem a regras, que por sua vez, são compartilhadas e legitimadas nas determinadas comunidades. Também pode-se averiguar que esse mesmo falar, outrora tido como errado, possui, em sua essência, a construção correta do sintagma, a exemplo cito uma construção frasal simples: o artigo antecede ao sujeito que por sua vez é seguido pelo verbo em seguida pelo adjetivo, assim temos *A vaca é malhada* e não *Vaca a malhada é*.

É importante observar que há variação linguística em todos os lugares do Brasil e do mundo, exemplo de *tu* e *você*, mas sua propriedade semântica é a mesma, o que não interfere na comunicação entre os falantes e essa capacidade de variação é que distingue nossa personalidade de fala, de onde viemos ou de onde somos o que podemos dizer que cada povo possui sua própria identidade linguística. Segundo Coelho (*et al.*, 2012, p. 25) “trata-se do que chamamos de **variação diatópica** ou **regional** e **variação estilística**”. Para analisar essas características designam os estudos das variáveis que são as regras na gramática onde se localiza a variação e as variantes são as possibilidades da regra na sua forma individual, a maneira única expressão, exemplo de *tu* e *você*. Nestas variações explora-se as duas variantes padrão (de prestígio) e não-padrão (inovadora e, às vezes, marginalizada), as quais, uma segue os padrões gramaticais enquanto outra se afasta desse modelo, respectivamente. O que vale ressaltar é o objeto de estudo do campo da Sociolinguística, a fala, pois tais estudos delimitam o contexto e ocorrências das variantes dessa fala. Diante deste pressuposto, convém citar que os aspectos internalizados de interação para o surgimento de novas palavras que possuam um significado, diferem de contexto para contexto (contexto social) e podem ser interpretadas pelo receptor que convive naquela comunidade e a essa interação chamamos de fatores externos que interferem no entendimento do falante. O papel do sociolinguista é o de investigador, identificando as variações da língua interna e externamente, criando hipóteses e possíveis conclusões de aspectos sociais e, nesta ceara de conclusões, não há lugar para preconceitos e julgamentos.

Quanto ao preconceito linguístico, a íntima relação entre língua e sociedade preconizada pela Sociolinguística, leva a julgamentos de um indivíduo ou de uma determinada comunidade de acordo com a forma de falar, ditando regras do que é o padrão “certo”. O que fomenta esse preconceito seriam algumas deduções de como a língua portuguesa é difícil e essa for-

ma padrão passa a não ser acessível a todo se o domínio a ela seria limitado aos professores, advogados, intelectuais. Como é possível que uma comunidade fale “errado” se esta é sua língua materna? Na verdade se defende é a forma padrão da língua que seria a maneira ideal de comunicação, mas não consideram que a língua é mutável multiforme e heterogênea. Vê-se a necessidade do especialista divulgar estudos concernentes à língua, abrindo um leque para inúmeras possibilidades de arranjos e formas que se tornam autossuficientes a ponto de fazer com que um grande percentual de grupos com ideias preconcebidas vejam com outros olhos a língua comunicativa portuguesa que estabelece uma comunicação completa dentro das possibilidades de variações que um indivíduo ou uma comunidade pode criar para seu processo de inter-relação.

A variação da língua dentro de uma comunidade de fala é o fator de interesse do pesquisador, segundo Labov os falantes não usam as mesmas formas, mas se ajustam de acordo com a necessidade num contexto social único e compartilham uma mesma norma estabelecida de forma inconsciente sobre a língua passando a possuir sua própria marca social, com traços característicos daquela região ou estado. É interessante notar que a grupos de prestígio são atribuídos valores positivos, enquanto que a classe desprestigiada recebe valores negativos sendo rotulados como “feio” ou “errado”. Labov busca uma homogeneidade antes às variações, e esses fatos serão descritos através das atitudes dos falantes ante as regras e formas linguísticas, a que tipo social pertence como idade, sexo, grau de escolaridade, gênero, que são identificados por pertencerem à determinada célula social.

Para ampliar o foco de pesquisa é interessante saber se os falantes compartilham o mesmo traço linguístico, se essa comunicação é uniforme entre eles e se seguem as mesmas formas e atitudes durante a comunicação, observando a frequência dessa comunicação. É aqui que surge o termo “rede sociais”, que variam de um indivíduo para o outro eu pode envolver parentesco, rede de amizades, ambiente religioso, entre outras redes que, quanto maior o número, maior o fluxo, menor o número, menos fluxo de interação, captando a dinâmica entre eles, quanto mais forte a rede se torna mais difícil sofrerem influências externas, e o que chama--se *localismo* (COELHO *et al.*, 2012) se torna latente, pois envolve emoções, valorização social daquela comunidade. Essa mesma comunidade pode agregar seu grau de valores a medida da migração dos indivíduos, pois quanto mais mobilidade mais esta comunidade estará sujeita a agregação de valores de outros grupos.

A língua passa por processo de mudança no decorrer do tempo. Por mais que essas transformações aconteçam, as pessoas não param de se comunicar, pois a estrutura da língua não é afetada, “o fato de existirem duas variantes com o mesmo valor de verdade que competem pelo mesmo espaço não quer dizer que uma delas vai se tornar obsoleta e que outra vai ser a forma padrão.” (COELHO *et al.*, 2012, p. 92), a exemplo do pronome *vós* que nos últimos tempos tem sido usado em alguns casos exclusivamente em questões jurídicas e em contexto religioso, e em nossas conversas corriqueiras o que mais utilizamos é o pronome *você/vocês*. A língua é heterogênea e o mesmo acontece em uma comunidade de fala, um indivíduo eu se mudou para determinada região se adapta ao modo de fala daquele meio social, o que não quer dizer que ele aprende uma fala nova e esquece a que usava, mas devido ao uso contínuo da nova fala, a outra se torna obsoleta e “arcaica” e deixa de ser usada por ele.

Vê-se então que fatores determinantes extralinguísticos, sociais, segundo Coelho *et al.*, (2012), são condicionantes da variação e mudança, fatores sociais que são os níveis de escolaridade, faixa etária, e os chamados fatores estruturais da língua eu se enveredam na análise sintática. Algumas formas de mudança não são discretas como *Nós vai* quando é falado por algumas comunidades e na hora da escrita e conjugação do verbo ele sofre alteração. Nesse caso, a alteração aparece na fala. Outro caso é o do *você*, eu na hora da conjugação ela passa a ser *tu*. Nessa situação, a mudança parece exercer uma disputa pelo poder, onde uma se sobressai a outra até que a mudança ocorra totalmente. Mudanças não ocorrem abruptamente e adaptações são realizadas pelo falante, até que seu estágio de transição esteja completo. Diz-se que uma transmissão de mudança pode ser transmitida de uma comunidade para outra através da interatividade e do contato entre indivíduos e comparativo pode ser feito ao se comparar uma geração mais velha e outra geração mais nova e detectando qual a língua em uso no momento, fatores sociais eu marcam, neste acaso, uma geração.

Quando se fala em fatores sociais, consideram-se comunidades, tipos de falares e comunicação, lembrando que essas comunidades interagem entre si, sejam em função da necessidade de se comunicar em diferentes áreas leva o indivíduo a aprender novos signos que aos poucos passam a fazer parte de um novo grupo social, e para encontrar respostas para as mudanças linguísticas, precisa-se questionar e investigar quais as condições que determinam a mudança, onde se encaixam, como serão avaliadas e quais suas atribuições de implementação. Esses fatores variam no mesmo

indivíduo e de indivíduo para indivíduo, de acordo com o momento situacional.

Quando esses fatores sociais ocorrem, surgem as chamadas línguas emergenciais, que aparecem de acordo com as circunstâncias, essas línguas, que podem ser até simplificadas, emergem para estabelecer comunicação. Olhando nesta mesma ótica de comunicação manifesta-se uma comunicação simplificada, e tal ação é praticada de maneira natural seja para falar com uma criança ou tomando uma atitude em se igualar com o outro para que a mensagem seja transmitida e, neste processo de transmissão há o uso de falas pausadas de estruturas fáceis de gestos maiores.

Há variações próprias das pessoas que se obtém por serem de determinadas regiões, o falar também pode variar de acordo com a situação, se está em um tribunal forma falada é mais culta e se estou em uma roda de amigos a fala é mais popular; existem os jargões que são marcados a uma determinada atividade, a um jargão jurídico, esportivo. Cada um possui sua característica única com pontos marcantes como os gêneros da fala como prece, canto de uma determinada torcida e o mais comum é a conversação, seja ela formal ou informal. Afinal, as variações e as crenças sociais são fatos sociais que conduzem a elaboração de jargões religiosos próprios da comunidade religiosa ou de acordo com a situação que de religiosidade que ela vive. Nesse caso, não convém falar em línguas de prestígio ou não, mas é possível presenciar a variação da língua em de acordo com o público-alvo que recebe a mensagem do pastor ou reverendo, em outras palavras, é possível comprovar que as pessoas são multilíngues em sua própria língua e que há várias maneiras de falar de falar, dependendo do contexto e dos participantes da conversa.

3. Comunidade Religiosa e experiência pessoal

Recordo-me da seguinte história missionária, contada por meu pai, que disse ter ouvido de outro pastor: Certa vez, a muitos anos atrás, um missionário dizia ter ouvido a voz de Deus, dizendo-lhe para evangelizar certa tribo indígena que ainda não tinha ouvido falar de Jesus. Esse missionário chegou de mansinho, se aproximando aos poucos daquelas pessoas, conquistou os moradores e, depois de alguns meses conseguia a confiança do chefe da tribo. Teve a permissão de falar sobre Jesus. Enquanto pregava, o interprete dizia exatamente o que ele ministrava, mas o tempo passou e

aquela tribo resistia a aceitar a Jesus. Ele não entendia o que havia de errado, pois falava o que tinha aprendido no seminário, que Jesus água de vida e que Ele era o pão da vida, mas nada acontecia. Então, desolado, passou a observar a tribo, e pode perceber que aquele povo sabia o que era a água, mas eles não sabiam o que era Pão, pois nunca tinham sequer comido um bocado de pão. Foi então que percebeu que o alimento principal deles era a mandioca e tocado pelo Espírito Santo teve o discernimento e pregou novamente. Falou sobre a água da vida, que quem bebesse daquela água nunca teria sede e disse que Jesus poderia saciar sua fome espiritual, porque Jesus era a Mandioca, a vida! “Êta lasqueira, foi um rebuliço só!”, dizia meu pai, muitos índios se convertendo e até o cacique se converteu. Naquele momento o missionário compreendeu como se comunicar com aquela comunidade.

Quando começamos a falar sobre a comunidade religiosa e, neste caso, a comunidade cristã, pensamos nas mais variadas formas de expressão da fala. Como é possível que tantas vidas possam ser modificadas pelo uso da variação correta correlacionada a determinada comunidade.

Para entendermos melhor, desde os primórdios da civilização, já se aprendeu o poder da persuasão por meio das palavras e das possibilidades do ganho por meio da variação linguística, seja esse ganho em número de pessoas, votos, números financeiros, etc.

Segundo a Bíblia, Moisés em uma conversa com Deus dizia que não sabia se comunicar com o povo, foi então que Deus o acalma dizendo que chamaria a Arão, seu irmão, que seria o intermediário das palavras de Moisés. No livro Êxodo 4:10 e Êxodo 7:1 e 2 está escrito:

Então disse Moisés ao Senhor: Ah, meu Senhor! eu não sou homem eloquente, nem de ontem nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua. Tornou o Senhor a dizer a Moisés: “Eu chamei-te para seres o meu embaixador para com Faraó, mas é o teu irmão Arão quem te servirá de porta voz. Dá a saber a Arão tudo o que eu te disse, será ele quem o comunicará a Faraó e lhe pedirá para deixar livre o povo de Israel para sair do Egito.

Moisés foi criado junto ao povo egípcio, e sua fala condizia a do palácio de Faraó, há estudiosos que supõe que ele seria gago, mas isso não é o foco desta pesquisa. Como precisava se comunicar com uma comunidade a qual não tivera acesso, precisava de alguém que convivesse com os interlocutores daquela região, Arão seria essa pessoa.

Outra personagem de que se tem notícia na Bíblia é Paulo, que se encaixa brilhantemente nesta pesquisa. Paulo de Tarso nasceu em Tarso, por muitos conhecida como centro da cultura grega. Ele recebeu cidadania romana (Atos 22:28) provavelmente herdada de seu pai e, embora romano, era judeu da tribo de Benjamim do partido dos Fariseus, educado em Jerusalém, estudioso da Lei, era profundo conhecedor das culturas que o rodeava, falava aramaico. Após sua conversão seu legado se expandiu e sua visão sobre cada comunidade que tinha acesso se modificava, pois percebia as características da cultura dos falantes locais e tinha a capacidade de mutação de acordo com o momento social vigente. Era como se, por ter tantas cidadanias, possuísse o poder da variação imanente àquela língua e se adaptava de modo natural à heterogeneidade social.

Considerando que as pessoas são multilíngues, vem a mente os lugares por onde passei e com pessoas que convivi. Morei em cinco cidades diferentes que foram Camapuã/MS, Cuiabá e Juára-MT, Cassilândia-MS e em Montividiu-GO, nesta última morei por nove anos e pude presenciar as ocorrências dos fenômenos de variação surpreendentes, a exemplos, “*eu lainha*”, “*tu lainvinha*”, “*dexa de saliença*”, modos de expressão únicos daquela gente simples e amorosa e de comida tão apimentada que meus olhos lacrimejam só de lembrar.

E como se como interagir com um povo de fala tão criativa?

Quando chegamos àquela cidade de nome extravagante, não sabíamos o que nos esperava, primeiro estranhamento foi com a culinária e, por incrível que pareça, eles não sabiam o que era cachorro-quente, minha mãe foi a primeira a lhes apresentar essa comida que pra eles foi tão exótica.

Outro impacto foi com a cultura rural. Pessoas, tanto homens como mulheres, não terminavam ou não continuavam seus estudos, por não verem necessidade e, compondo essa paisagem encontramos esse falar diferente, o que fazia minha mãe temer que meu irmão e eu passássemos a usar. Lutava em manter-se com uma postura e fala culta e para eu e meu irmão não sofrêssemos mudanças linguísticas. No entanto, nunca menosprezamos nenhuma dessas pessoas que fizeram parte de nossa história, esta cidade me traz as melhores recordações de amizades verdadeiras.

Dessas recordações me pego a pensar em um momento em que meu pai pregava e pude perceber variação linguística a que meu pai utilizava para o sermão. Lembro-me que eu percebi que ele variava a forma de falar de

acordo com a comunidade para quem se dirigia, foi onde eu perguntei pra minha mãe, e ela dizia que sempre era assim que ele fazia.

Quando meu pai prega sobre a família para uma comunidade de pessoas menos letradas, ele diz: “*Essa é a muié que Deus me deu, óia só, não preciso de otra não.*”, mas quando é convidado para pregar em um congresso ou em uma outra cidade ou na capital ele muda a fala e até sua postura se modifica elaborando frases mais rebuscadas como “*Esta é mulher que Deus me deu, vejam só, não preciso de outra, ela é feliz por me ter por perto (...)*”.

E quando perguntava a minha mãe por que ele fazia aquilo ela dizia que ele ‘mudava o jeito de dizer as coisas’, ou que ‘aqui não é o lugar dessas coisas’.

Hoje ele pastoreia a Primeira Igreja Batista em Poxoréu, interior do Mato Grosso. Quando o vejo pregar, percebo que ele não perdeu essa facultade de adaptar a sua fala às comunidades as quais se dirige.

Em fim, posso dizer que presenciei ou presencio um falante bilíngue dentro de sua própria língua que adquiriu essa capacidade a partir de contatos linguísticos e pela experiência da experimentação dos fenômenos da variação.

4. Considerações Finais

A proposta desta pesquisa vem ao encontro à ideia das variações nas línguas regionais, mas neste caso, com a variação da linguagem religiosa, que por sua vez possui sua fala identitária que surge a partir da necessidade de comunicação entre o interlocutor e receptor e assim construindo uma intercomunicação única entre o líder religioso e seus fiéis.

Dessa forma, pode-se dizer, que o ser é motivado pelo ímpeto de atingir o “coração” do ouvinte se aproximando a ele apoderando-se da variação com a capacidade de troca de uma variante para outra de forma natural sem que ocorra erros de sintaxe. Esta pesquisa, quando concluída, não irá falar somente do falar padrão ou não padrão, mas do poder da variação linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEN, W. P.; GOMES, N. S. O Jargão Evangélico: Aspectos Sociolinguísticos das Expressões do Cristão de Hoje. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/12/016.pdf> Acesso em: 23 de abril de 2018.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*– sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Como falamos brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALVET, L. *Sociolinguística* – uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Matoso. *História da linguística*. Trad. de Maria do Amparo Barbosa Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Trad. Lúcia Lobato. Revisão de Mark Ridd. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CONEGERO, D. *A História do Apóstolo Paulo*: Quem foi Paulo de Tarso? Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/historia-do-apostolo-paulo/>> Acesso em: 13 de maio de 2018.

DELLA TORRES, M. B. L. *O Homem e a Sociedade*: uma introdução à sociologia. 13. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à sociolinguística*–otratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1984.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

ROSA, Eduardo. *Evangeliquês*: Pesquisador cataloga jargões religiosos em Mestrado. Disponível em: <<http://www.uems.br/noticias/detalhes/evangeliques-pesquisador-cataloga-jargoes-religiosos-em-mestrado-na-uems-101544>> Acesso em: 29 de abril de 2018.